

TARRAFAL
PORTUGAL · ANGOLA

prisão abril

ERA UMA VEZ O 25 DE ABRIL

PAZ E LIBERDADE



JOSÉ
FANHA

PODER
POPULAR

VENCE
REMOS

25 DE
abril

liberdade

JÁ LUTA
POVO

VOTA

1974

FASCISMO

PVMFA

NUVEM
LETRAS

NUNCA
MAIS!
A REVOLUÇÃO
EM MARCHA

VIVA
PORTUGAL

Índice

O MEU DIA 25 DE ABRIL DE 1974 8

SALAZAR 12

O ESTADO NOVO 14

A PIDE 18

A CENSURA 24

A MOCIDADE PORTUGUESA 28

**AS ARTES E A LITERATURA: MODERNISMO,
NEORREALISMO E SURREALISMO 30**

OS VENTOS E AS GUERRAS 34

HUMBERTO DELGADO E AS ELEIÇÕES DE 1958 38

A RTP E O MUNDO LÁ FORA 40

O ASSALTO AO *SANTA MARIA* 42

A GUERRA COLONIAL 44

A UNIVERSIDADE E AS CRISES ACADÉMICAS 48

ZECA AFONSO E OS «BALADEIROS» 50

MARCELO CAETANO 52

O ROCK PORTUGUÊS E O FESTIVAL DA CANÇÃO 54

OS OFICIAIS DAS FORÇAS ARMADAS 56

A PREPARAÇÃO DO 25 DE ABRIL 58

PORTUGAL E O GOLPE DE PINOCHET NO CHILE 60

CRONOLOGIA DOS ACONTECIMENTOS

ATÉ AO 25 DE ABRIL 62

UMA REVOLUÇÃO SEM TIROS 74

OS CRAVOS 78

OS DIAS A SEGUIR AO DIA 25 80



O MEU DIA
25 DE ABRIL
DE 1974

7 HORAS DA MANHÃ

Eram sete horas da manhã ou pouco mais, ainda eu estava em vale de lençóis e preparado para continuar a dormir mais um bom bocado, quando a minha mãe veio abanar-me.

— Acorda, filho! Está a acontecer uma revolução!

Acordei estremunhado. Sentei-me na cama. Esfreguei os olhos.

— Uma revolução?!

— Sim! São os militares!

Dei um salto.

— Quais militares?!

— Estão a dar um comunicado na rádio!

Naquele tempo, não havia internet nem telemóveis e quem queria saber as últimas notícias tinha de as ouvir no rádio. Fui a correr ligá-lo e, daí a pouco, ouvi:

Aqui Posto de Comando das Forças Armadas.

Conforme tem sido difundido, as Forças Armadas desencadearam, na madrugada de hoje, uma série de ações com vista à libertação do País do regime que há longo tempo o domina.

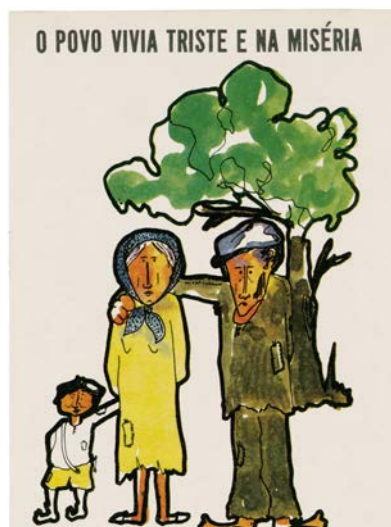
— Isto é contra o Regime, mãe! Isto é uma revolução a sério!

— Mesmo assim, não vás para a rua. Pode ser perigoso!

Ai não, que não vais! Vesti-me a correr, ainda sem conseguir acreditar. E até tinha medo. Quem eram os militares que pertenciam àquele **Movimento das Forças Armadas** de que falavam na rádio? E se aquela revolução não fosse a sério? E se fossem derrotados?

Mas comecei a ouvir as canções. E eram canções do Zeca, do Adriano... Canções de revolta, de alegria, de liberdade. Esta ia ser uma revolução que começava, também, com a música. E depois com os cravos. E depois...

Era uma revolução a sério, a que tinha começado na madrugada de 24 para 25 de Abril de 1974, o dia que marcaria o início de uma grande mudança em Portugal, o **fim de um regime de ditadura** que durava há já **quarenta e oito anos!**



Para muitos dos meus jovens leitores, o 25 de Abril é uma coisa um bocadinho antiga e que já faz parte da História. **Mas eu estava lá.**

Eu vivi o 25 de Abril, eu estava lá, nas ruas, a cantar, a dar vivas aos capitães e aos **soldados de Abril**, a abraçar gente que nem sabia quem era, a descobrir o sabor maravilhoso dessa coisa que se chama liberdade. Foi como uma garrafa de champanhe guardada há muito tempo e à qual, finalmente, alguém tira a rolha. A rolha era a ditadura, o Movimento das Forças Armadas foi quem tirou a rolha, e a população saiu lá de dentro que nem um foguetão, numa explosão de alegria em todas as direções.

Fiz vinte e três anos à beirinha do 25 de Abril. Fui menino e adolescente durante a **ditadura**. Ainda durante a ditadura, entrei para a Universidade e preparei-me para o dia em que fosse chamado para a guerra. Por isso, naquele dia, às sete horas da manhã, não saltei só para fora da cama. Saltei para dentro da vida, para dentro do dia mais belo que vivi em toda a minha vida.

Não foi por acaso que todos os poetas cantaram entusiasticamente o 25 de Abril e até a grande pintora Maria Helena Vieira da Silva pintou um quadro onde escreveu: «A poesia está na rua». E estava mesmo.

Para que possam entender o que foi o espanto e a alegria daquele dia inesquecível, é preciso andar um bocadinho para trás e contar o que era Portugal naquele tempo.

Aquele país pequenino, governado por uma ditadura comandada durante muitos anos por **António de Oliveira Salazar** e, depois da sua morte, por **Marcelo Caetano**.

Um país pobre, triste e cinzento, envolvido numa guerra contra os Movimentos de Libertação na Guiné, em Angola e em Moçambique, vigiado e amordaçado por uma polícia política chamada PIDE, que prendia e torturava os que se opunham à ditadura. Vou tentar controlar a emoção para vos contar como tudo aconteceu.....

SALAZAR



Em 1960

a ditadura já durava há trinta e dois anos.

Eu, a caminho de fazer dez anos, começava a perceber o que as pessoas adultas diziam em casa e na rua, a ouvir as notícias da rádio... E havia um nome que andava na boca de toda a gente: Salazar!

António de Oliveira Salazar era o Presidente do Conselho de Ministros, o Chefe do Governo. Mas era muito mais do que isso. Era ele quem mandava. Dizia-se que era o nosso **Chefe**, o nosso salvador, aquele que velava pelo bem-estar dos portugueses que, segundo ele, eram pobrezinhos mas honrados e tinham uma longa e fantástica História, cheia de reis guerreiros e grandes navegadores que «novos mundos ao mundo tinham mostrado».

Que nós tínhamos uma História grandiosa, isso era verdade, e Salazar queria fazer-nos acreditar que era ele o continuador dessa História grandiosa e, acima de tudo, que era absolutamente infalível.

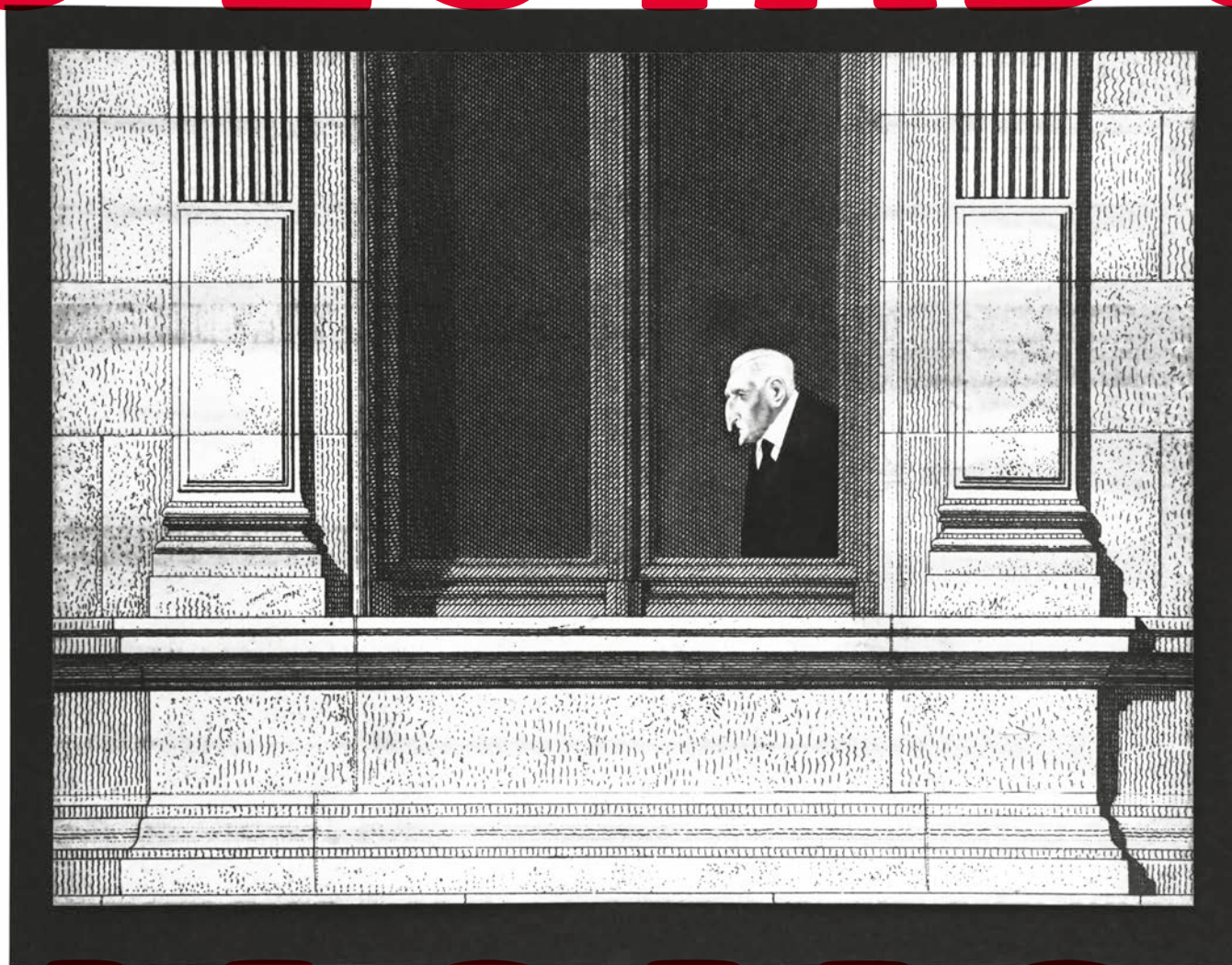
No entanto, a pouco e pouco, comecei a perceber que Portugal era um país pequeno, isolado do mundo e pouco desenvolvido, pobre, muito mais pobre que os outros países da Europa e fechado aos ventos do progresso e da mudança.

Lembro-me de uma lei que proibia as pessoas de andarem descalças. Mas não servia de nada proibir, porque havia muitos meninos e adultos que nem sequer tinham dinheiro para andar a gastar os sapatos todos os dias. Compravam uns sapatos para os dias de festa e pronto, o resto do tempo andavam descalços.

Havia muitas pessoas que **não sabiam ler nem escrever**, não se sabia o que se passava nos outros países e, sobretudo nas aldeias e vilas do interior, a pobreza era muito grande e os meninos rapidamente deixavam a escola para irem trabalhar com os pais.

Era assim o Portugal de Salazar e do Estado Novo.

O ESTADO



NOVO

POVO

ABRIL

José Fanha viveu o 25 de Abril de 1974 com espanto, alegria e felicidade, como muitos outros jovens de então. Com o passar dos anos, percebeu que os jovens de hoje pouco sabem desses dias distantes. Resolveu então contar a história de como era Portugal antes da Revolução dos Cravos, como se desenrolaram os dias do 25 de abril e como surgiu o Movimento das Forças Armadas que o fez acontecer. Não quis fazer um livro de História. Quis antes falar desse período como quem conta uma história fantástica e complexa, heróica, divertida e contraditória, mas maravilhosa e verdadeira. Uma história que mudou a História.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt
penguinkidspt

ISBN 9789897877285



9 789897 877285 >

JUSTIÇA POPULAR!